



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIVANE BARBOSA LUIZ

BEBETECA: uma proposta de incentivo à leitura nas creches

GUARABIRA – PB
2011

ELIVANE BARBOSA LUIZ

BEBETECA: uma proposta de incentivo à leitura nas creches

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, do Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Prof^a Ms^a Rosângela de Araujo Medeiros

GUARABIRA – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L952b

Luiz, Elivane Barbosa

Bebeteca: uma proposta de incentivo a leitura nas creches
/ Elivane Barbosa Luiz. – Guarabira: UEPB, 2

44f.:Il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Rosângela de Araújo Medeiros”.

1. Educação Infantil 2. Leitura - Incentivo
3. Creche I. Título

22.ed. 372

ELIVANE BARBOSA LUIZ

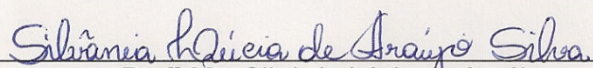
BEBETECA: uma proposta de incentivo à leitura nas creches

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, do Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada.

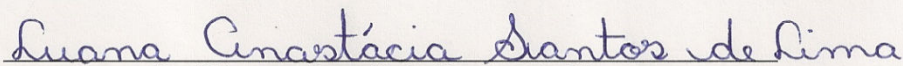
Aprovada em 30/ 11/ 2011



Profª Ms. Rosângela de Araújo Medeiros
Orientadora



Profª Ms. Silvânia Lúcia de Araújo
Examinadora



Profª Luana Anastácia Santos de Lima
Examinadora

À todas as pessoas que acreditaram que eu pudesse conquistar o sonho de ser pedagoga, em especial ao meu irmão José Eridan (*in memoriam*), aos meus pais e meus familiares que estiveram sempre ao meu lado nessa caminhada, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a esse maravilhoso Deus que permitiu a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, pelo amor dedicado em todos os meus dias de vida.

Ao meu esposo, Alberto Lima e meus filhos Paulo Henrique e Paula Caroline, pela compreensão diante das ausências durante o curso de graduação.

Aos professores, pela aquisição de conhecimentos e incentivo, em especial a professora Rosângela Medeiros, por acreditar no tema escolhido e na minha capacidade de desenvolvê-lo e, ao mesmo tempo, pela fiel dedicação e compromisso como orientadora para que este trabalho fosse concluído.

Aos meus amigos de sala, pela agradável convivência durante os anos de estudo e pelas experiências até mesmo nas adversidades.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da leitura na Educação Infantil, especialmente para os bebês nas creches. O objetivo principal foi pensar as possibilidades da leitura para crianças tão pequenas, por meio da criação de um espaço adequado para tal, que pode ser um cantinho chamado de bebeteca. Investigamos também até que ponto os educadores da creche têm reconhecido a importância da leitura como ato produtivo para ele e para os bebês num processo que começa muito cedo. As informações foram coletadas a partir de um estudo de caso, que surgiu nas experiências de estágio e entrevistas em quatro creches da cidade de Guarabira- Paraíba, quando tivemos o propósito de descobrir as ações pedagógicas que envolviam leitura e o comportamento das crianças diante da contação de histórias. Os resultados da pesquisa demonstraram que é possível e necessário ler para os bebês. No entanto, a leitura para estas crianças nas creches ainda precisa ser melhor compreendida e planejada, tanto pelos educadores quanto pelo sistema de ensino o qual estão ligados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Bebeteca. Incentivo à leitura. Creche.

ABSTRACT

This article addresses the importance of reading in early childhood education, especially for babies in the nurseries. The main objective was to consider the possibilities of reading for children so young, through the creation of an adequate space for such a corner that can be nominated for bebeteca. We also investigate the extent to which the nursery educators have recognized the importance of reading as a productive act for him and the babies in a process that begins very early. Information was collected from a case study, which appeared in the training experiences and interviews in four kindergartens in the city of Guarabira-Paraíba, when we had the purpose of discovering the pedagogical actions that involved reading and behavior of children in front of the storytelling stories. The survey results showed that is possible and necessary to read to babies. However, the reading for these children in day care still needs to be better understood and planned by both educators and the education system which they are attached.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Bebeteca. Reading incentive. Creche.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 LEITURA: origens e possibilidades na Educação Infantil.....	15
1.1 A ORIGEM DA LEITURA.....	15
1.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: uma forma de ler.....	17
1.3 A LITERATURA INFANTIL.....	19
1.4 POR QUE LER PARA BEBÊS?.....	20
2 A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E INTERAÇÃO: um estudo de caso em quatro creches.....	24
2.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
2.2 O ESTUDO DE CASO (A PESQUISA DE CAMPO).....	25
2.2.1. Onde tudo começou... na ausência de livros.....	26
2.2.2. A creche dos livros...expectativas e realizações.....	27
2.2.3. O cantinho de leitura é só uma ilustração.....	30
2.2.4. Experimentando a leitura com bebês.....	32
3 BEBETECAS: espaço de leitura para bebês de 0 a 3 anos.....	35
3.1 O QUE É BEBETECA.....	35
3.2 BEBETECA COMO REPRESENTAÇÃO DE QUALIDADE.....	37
3.3 PENSANDO EM ALTERNATIVAS DE LEITURA PARA OS BEBÊS.....	38
3.4 EFETIVANDO A BEBETECA NA CRECHE.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A cada dia, o mundo das letras é mais essencial à vida da humanidade. Especialmente na atualidade, quando vivemos em um tempo em que muitas atividades sociais estão relacionadas a este universo. Na verdade, sempre existiu por parte do homem a necessidade de se comunicar, interagir e a leitura tem se tornado um canal cada vez mais importante. Mesmo assim, o cenário contemporâneo ainda não permitiu que os sujeitos usufrua com qualidade desta forma de comunicação. Ainda temos muito o que construir, especialmente no Brasil, porque para ler é preciso dominar, segundo Barbosa (1991), os rudimentos da leitura e da escrita. É preciso ser alfabetizado e letrado.

Ser alfabetizado envolve identificar e decodificar as letras e “diz respeito à aquisição e à apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico” (PEREIRA, 2005, p. 40), sendo uma habilidade que não garante que um sujeito seja letrado. Letramento, por sua vez, conforme analisa Pereira (2005), é difícil definir de forma precisa, pois “se trata de um fenômeno que envolve uma gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais da leitura e da escrita” (p.41).

Então, nosso país sofre de dois grandes males: o analfabetismo (aqueles que não dominam os rudimentos da leitura, não estão alfabetizados) e o alfabetismo funcional (aqueles que estão alfabetizados, mas não fazem uso social da leitura e escrita, logo, não são letrados), quadro resultante de diversos fatores que variam dos culturais ao sócio-econômicos, interferindo no dia-a-dia das pessoas e refletindo em nossas escolas. Prova disso são os dados levantados em 2007 pelo Instituto de Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹, relatando que três, em cada dez brasileiros, nunca vão a um espaço específico de estudos e leitura, que seria a biblioteca.

O referido estudo apontou também que uma, em cada quatro pessoas, não faz

menor idéia sobre o papel da leitura, que entre suas principais contribuições está o de tornar um sujeito autônomo em uma sociedade letrada como a nossa. Na verdade, de acordo com Martins (2006), saber ler textos escritos e escrever é algo a

¹ Mencionada na reportagem Saberes e Prazeres da Leitura da Revista Escola Ideal Comunitário na edição de número 13 em 2011.

que não se tem acesso naturalmente, e assim o analfabetismo persiste mesmo em países desenvolvidos e o comportamento leitor do brasileiro está relacionado a uma sentença:

O brasileiro não lê. Em qualquer debate sobre leitura, em encontros pedagógicos, até mesmo em conversas informais aqui e ali, nas perguntas dos jornalistas aos especialistas, aí está uma frase que não é difícil de ouvir. Ela tornou-se uma espécie de verdade inquestionável, marca da falta de cultura e de crítica da gente brasileira, assim como outras do tipo o brasileiro não sabe votar (BRITTO E ABREU, 2003, p. 115).

A ausência de espaços adequados à leitura, a indisponibilidade de acervo de livros são alguns fatores que contribuem para este quadro. É preciso ter acesso aos livros. Além disso, a falta de preparo dos educadores desde a Educação Infantil (incluindo as creches) pode ser uma das causas para população brasileira não gostar de ler. Na verdade, não basta abrir o livro ou decodificá-lo para dizer que estamos apreendendo uma leitura. É necessário compreender a mensagem. Martins aponta que...

(...)se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever.(p. 24, 2006).

Assim, podemos dizer que há uma relação direta entre ler e escrever. São ações intimamente interligadas e estão relacionadas às transformações que ocorrem no processo de alfabetização e do letramento. Borges (1998) infere que “se escrever passou a significar ‘transformar o oral no escrito’, o ato de ler poderia ser entendido como o movimento inverso: ‘transformar o escrito no oral’. Ensinar a ler significou, nessa ótica, ensinar o mecanismo de falar o texto” (p. 34).

Então, ter acesso a esse mundo é uma necessidade neste mundo letrado, e por isso, um direito universal. É o que reflete Ana Maria Machado (2002) quando declara que a leitura é uma navegação, completando que “navegar é preciso, sim no direito que se faz preciso, sim, no sentido de necessário” (p.130).

É nesse contexto que as instituições educativas devem assumir um papel importante e transformador capaz de formar leitores, organizar e reivindicar espaços

de leitura e lutar pelos ideais de sociedade mais justa, inclusive no acesso aos livros. Dizemos isso por acreditarmos que um leitor se inteira e pode participar mais com autonomia das situações que acontecem a sua volta e pode compreender e até atuar com mais clareza nas transformações sociais, além de adquirir conhecimentos que podem nortear sua vida e sua sobrevivência, especialmente no que diz respeito ao mundo do trabalho.

Desta forma, consideramos importante tratar desta temática, pensando na leitura desde a primeira infância, na Educação Infantil. Na verdade, não atuamos hoje como professoras deste nível de ensino. Ao contrário, o interesse pelo tema surgiu como professora do Ensino Fundamental. Percebíamos que muitas crianças sequer abriam os livros de literatura que dispunham, sempre reclamando na hora da leitura, sem dar a devida importância para as atividades relacionadas a este fim. Além disso, outros colegas professores comentavam que as crianças não sabiam ler e acabavam atrelando esse problema à falta de incentivo na leitura desde a Educação Infantil, considerada a base do processo formativo de um sujeito.

Mas a escolha pelo objeto de pesquisa, a leitura na creche, consolidou-se durante o estágio supervisionado em Educação Infantil em creches do município de Guarabira / PB a partir da observação da ausência de espaço destinado à leitura em uma das instituições visitadas. Então, passamos a indagar qual seria o papel da creche para promover e organizar tais espaços. Seria possível reverter a ideia que há um tempo ideal para começar a ler para e com a criança foi nossa primeira pergunta. Por que ler para e com crianças que não dominam ainda sequer a oralidade, quanto mais os rudimentos da leitura e da escrita? Assim, nossa problemática concretizou-se em torno da seguinte questão: Seria possível e importante ler para bebês, mesmo sem eles saberem ler?

Neste sentido, o objetivo central do presente trabalho foi refletir sobre a importância da leitura para bebês, pensando em espaços destinados para esta atividade. Em decorrência deste, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender a origem da leitura, bem como a importância da literatura para o desenvolvimento infantil, por meio da contação de histórias para bebês;
- Compreender o que pensa e como o educador da Educação Infantil promove atividades de leitura na creche;
- Propor a possibilidade de estruturação de bebetecas nas creches.

Para tanto, foi necessário a estruturação de um estudo de caso, coletando os dados por meio de observações e o uso de um questionário, envolvendo algumas monitoras de quatro creches de Guarabira. O questionário foi composto por três perguntas acerca do comportamento leitor das monitoras e como elas enxergavam e trabalhavam a leitura nas creches. Realizamos também a contação de histórias para os bebês, com o propósito de descobrir, entender e esclarecer o comportamento e reações dos bebês durante esta atividade que envolvia leitura.

Assim, estruturamos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, destacamos o processo de evolução da leitura ao longo da história, discutindo o hábito de contar história, focando especialmente sobre as contribuições da literatura infantil na vida da criança. No segundo capítulo, apresentamos nossa pesquisa de campo, mostrando como tem ocorrido a leitura nas creches e o que pensam sobre o assunto as profissionais que lá atuam. Apresentamos também experiências com narrativa oral em um das creches visitadas. Por fim, trazemos uma proposta de espaço para a leitura, discorrendo sobre a bebeteca, para além de tentar sanar as dificuldades existentes de leitura nas creches, oportunizar às crianças momentos significativos de leitura.

Finalizamos nosso trabalho verificando que é possível e necessário ler para os bebês. No entanto, a leitura para estas crianças nas creches ainda precisa ser melhor compreendida e planejada tanto pelos educadores quanto pelo sistema de ensino o qual estão ligados.

1 LEITURA: origens e possibilidades na Educação Infantil

A cada dia, a leitura é mais essencial à vida da humanidade. Especialmente na atualidade, quando vivemos em um contexto no qual muitas atividades sociais estão relacionadas ao mundo das letras. Neste capítulo, destacamos o processo de evolução da leitura ao longo da história, discutindo o hábito de contar história, focando especialmente as contribuições da literatura infantil na vida da criança.

1.1 A ORIGEM DA LEITURA

Para compreender a verdadeira importância da leitura na vida de qualquer pessoa, é necessário conhecer sua evolução ao longo da história, destacando sua relevância para humanidade. Mas o que seria ler?

Ler é mais do que decodificar letras. Martins (1998) analisa que, na maioria das vezes, as práticas de leitura cujos métodos são formais e concentrados na memorização de signos lingüísticos. Na verdade, Borges (1998), complementa que a leitura, desde a Idade Antiga e a Média sempre esteve ligada a oratória. E ler seria transformar o escrito em linguagem oral. Dessa forma, leitura e escrita estão intimamente ligadas e consideramos o ato de ler e escrever como umas das maiores invenções do homem porque através da palavra o homem pode registrar sua história e ampliar sua memória. Pode ter controle sobre o uso do tempo e do espaço. Assim, a leitura permitiu que o homem adquirisse conhecimentos e saberes para pensar e agir em sociedade durante todas as transformações que ocorreram em sua existência.

Porém, diferente da atualidade, quando existe um maior acesso ao mundo da leitura por meio das instituições educativas se comparado a Idade Média (embora esse acesso conviva com o alto índice de analfabetismo já apontado), nem sempre a leitura foi acessível à população em geral. Era extremamente restrita e em diversos contextos, a leitura representou muito mais que uma habilidade em decodificar letras: representou poder. Segundo Cavallo e Chartier (1998), a leitura na Grécia tornou-se privilégio dos filósofos e aristocratas.

Já na Idade Média, a leitura esteve sob o domínio da igreja, pois os centros letrados existiam dentro dos mosteiros. A igreja tomou posse desse direito para controlar o povo. Como a leitura era restrita, a população tornava-se frágil aos conhecimentos e incapaz de contestar aspectos relacionados ao poder da monarquia, que era ligada a igreja.

Na época da inquisição, inclusive, muitos livros foram queimados, acusados de heresia. Não só aprender a ler era uma habilidade destinada aos escolhidos pela religião, como os livros eram guardados a sete chaves. Já em meados do século XI, na Alta Idade Média, Cavallo e Chartier (1998) analisam que a política em torno do desenvolvimento econômico e social na Europa fez com que a igreja perdesse o poder de controle da leitura porque se instaurava a necessidade de uma população instruída para realização de diversos trabalhos comerciais e manufatureiros, contexto posteriormente que levou a construção de escolas e bibliotecas.

Mesmo sendo poucos os alfabetizados na época, já se reconhecia o livro como veículo de conhecimento, que poderia reverter a situação de poder entre as classes. Passou-se, então, a compreender a leitura como necessária para o desenvolvimento deste período, deixando de ser um hábito e direito apenas das classes privilegiadas. Com o desenvolvimento da alfabetização, na Idade Moderna é que o livro foi considerado não só um instrumento intelectual, mas um direito de todos.

Segundo Villalta (1997, p. 351), no Brasil do século XVIII, o uso dos livros e a expansão da leitura intensificou-se durante as transformações sociais, culturais e políticas que caminhavam para a Independência do país. Nesse caso, o interesse pelos livros e o acesso a biblioteca no período colonial era uma necessidade e desejo particular e intencional de intelectuais e possíveis abolicionistas que buscavam informações em prol de seus ideais. Para Barbosa (1991), a difusão da leitura ocorreu a partir de um sonho republicano que, de certa forma, excluía indivíduos analfabetos do modelo que pretendiam para o país, pois acreditavam que para lutar por um país livre do poder da monarquia era necessário um grupo de pessoas bem informadas sobre seus direitos. Assim, o autor analisa que:

a indústria nascente, o sufrágio universal, a urbanização crescente, a necessidade de adoção de novos valores propagados pela nova classe do poder, vieram demonstrar a urgência de garantir a todos o mínimo de instrução. Era preciso garantir a ordem e a estabilidade social através de uma instituição que ao mesmo tempo, veiculasse os valores dominantes e dotasse o cidadão dos rudimentos da leitura e escrita adequados à situação emergente. (BARBOSA 1991, p. 19).

Como podemos perceber, a leitura tem cada vez mais representado a chave que abre a porta do saber, podendo ser capaz de transformar a história de um povo, de uma nação e, por isso, ficou por muito tempo restrita às classes dominantes que logo reconheceram que através dos conhecimentos encontrados nos livros, as pessoas poderiam provocar na sociedade questionamentos contrários às esferas política, social e religiosa. Afinal, como defendem Cavallo e Chartier (1998) “a leitura não é apenas uma operação abstrata: ela é o uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros” (p. 5).

1.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: uma forma de ler

Nos dias atuais podemos afirmar que a maioria das pessoas, de alguma forma, têm acesso às experiências de leitura, na medida em que o conceito de texto e de ler foi ampliado. Até mesmo aqueles que não dominam as habilidades de leitura e escrita, definidos como não alfabetizados. Não há o que impeça alguém de ler uma história por meio das imagens, podendo contar histórias, de sonhar e imaginar um texto.

De modo geral, muitas histórias que ouvimos ao longo de nossa existência são contadas por pessoas com uma vasta experiência de vida e nem sempre têm formação escolar. E sobre esses impulsos, principalmente o de contar histórias, acreditamos que acompanha o homem desde o momento em que sentiu necessidade de comunicar suas experiências de vida, que poderia ter significação pessoal e para os outros. Naturalmente, sentimos necessidade de contar e recontar histórias como forma de expressar nossa própria cultura. Esta disposição de se expressar é visível nos diversos gêneros literários e desperta tanto no ouvinte quanto no contador de histórias sensações agradáveis. Pois, esse processo de encantamento está relacionado à escolha do livro, suas ilustrações e seus

personagens. Um bom contador de histórias utiliza diversas estratégias para que as expectativas de seduzir o ouvinte com a narrativa sejam satisfeitas. Muitas vezes, a falta dessa habilidade e sensibilidade faz com que até mesmo a mais bela obra literária se transforme em um momento desencantado. Conseguir despertar no ouvinte da história, o gosto e o envolvimento pela narrativa são alguns dos grandes objetivos de um contador de história.

Rocha (1991) narra o que acontece com a personagem Sherazzade, em O Conto das Mil e Uma Noites. Trata-se de uma obra da literatura oriental, que valoriza a leitura e o papel do contador de história. Opõe-se aos contos de fadas tradicionais, pois o que seduz não é a beleza física da moça, mas sua inteligência e habilidade de contar histórias. Na verdade, a trama começa com o ódio daquele que se tornaria seu grande amor. Sherazzade é uma plebéia, que foi obrigada a casar com o rei Sharyar. Este, por sua vez, era muito cruel, porque sendo traído pela primeira esposa com um de seus empregados, determinou que todos os dias se casaria com uma nova esposa e no dia seguinte mandaria matá-la para que não fosse enganado, o que aconteceu durante três anos.

Mas Sherazzade foi uma moça diferente, que aproveitou sua incrível arte de contar histórias para fazer com que Sharyar desistisse da ordem de matá-la. Isso porque começou a contar uma história muito interessante, deixando o rei fascinado com o que ouvia. Quando o sol começava a nascer, a narrativa era interrompida, horário destinado à oração para os árabes. Então, Sharyar permitia que Sherazzade ficasse viva só mais um dia, apenas para acabar a história que ouvira. A mesma era longa e a narrativa durou mil e uma noites, resultando no amor do rei por Sherazzade.

Este conto explicita a contação de história, que pode ser considerada sua personagem principal. O amor entre o rei e sua futura rainha surgiu a partir da amargura de um homem, revertida durante a contação da interminável narrativa. Essa é uma história que enfatiza a importância do contato com a literatura como possibilidade de transformação e de mudança de consciência. Nesse caso, percebemos que duas estratégias foram utilizadas: a sensibilidade de Sherazzade na escolha da narrativa, que era compatível e voltada para aquele tão importante ouvinte; e a utilização do tempo disponível dentro da própria cultura religiosa, que conspirou ao seu favor para salvá-la da morte.

Diante disso, as características sedutoras da literatura nos levam a refletir sobre a importância da contação de histórias, que deve acontecer nas salas de Educação Infantil e nas creches cotidianamente, de forma que o professor possa atuar como mediador das possibilidades literárias, contribuindo não só para o processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças, mas para estimular o interesse pela leitura. Como relata Guedes (1999), o trabalho da creche envolve “a promoção da intimidade das crianças com a língua que usamos para escrever” (p.26). E propõe atividades cotidianas como a leitura de obras da literatura infantil e a criação de textos com características de contos tradicionais.

1.3 A LITERATURA INFANTIL

Este é um gênero literário mais voltado para o público infantil. Madanêlo (online) aponta que tem suas origens na Índia no período Medieval e desde essa época, traduziu-se ao homem como algo mágico, com um poder misterioso. Esse tipo de narrativa também é considerado fantasioso, pois, nele descobriu-se o mundo fabuloso tramado durante séculos, mesmo antes de Cristo, e que se expandiu por todo o mundo, através da tradição oral. A importância da literatura, incluindo a infantil é enfatizada por Cademartori (2006), na medida em que ressalta a literatura como um direito tão essencial quanto a educação, já que permite às pessoas viver intensamente a vida. Segundo ela,

é nos romances, nos contos, nos poemas, que a imaginação, tanto do autor como do leitor, acabam se completando: um livro só ganha vida quando alguém o apanha e abre suas páginas para descobrir o mundo que se esconde ali dentro. Abrir um livro é como abrir os olhos e o coração tanto para o que está dentro de nós, como para o mundo ao nosso redor (p.13).

O termo infantil, quando associado à literatura, para definir um tipo de texto, muitas vezes é compreendido de forma errônea como algo banal, que não estimula a cognição. Mas, na verdade, a literatura infantil também é carregada de sentidos, valores e conceitos. Explora a imaginação e a criatividade, favorecendo a estruturação do pensamento e, por isso, tem sua importância tamanha como qualquer outro gênero literário. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela

que corresponde, de alguma forma, aos anseios do pequeno leitor, que se identifica com ela. Assim, faz-se necessário trabalhar o imaginário e a fantasia desde cedo na vida da criança, por meio da literatura infantil.

Todavia, nem sempre é explorada desta forma na educação infantil. Britto (2011), quando apresenta uma experiência em creches, relata que

a literatura, apesar de ser uma coisa muito apreciada pelas crianças, não é algo que chega na sala de aula com um objetivo em si. Ela chega quando não se planejou nada e se precisa fazer algo, ou então para controlar as crianças quando estas estão muito agitadas ou tem que esperar os colegas acordarem (p. 82).

Desta forma, a contação de história acaba sendo encarada como uma atividade a parte do processo de aprendizagem, utilizada como uma estratégia para fins disciplinares, tal como analisa Amarilha (1997):

a narrativa é usada para acalmar as crianças quando estão muito inquietas e também para impor silêncio e disciplina para o caos que, às vezes, ocorre na sala de aula. Constata-se, então, que o conceito de atividade 'sem significado', que é atribuído à literatura, não corresponde a verdade. Ela é, de fato, utilitária, é instrumento de controle sobre a criança (p. 40).

Mas o trabalho com literatura não deve acontecer por meio de práticas de leitura mecânica, consistindo em abrir o livro sem que o imaginário da criança seja estimulado. Também não pode acontecer em qualquer lugar, de qualquer forma e sem planejamento. É necessária a criação de espaços adequados para leitura em todas as creches, bem como deve-se considerar que as crianças pequenas são capazes de compreender e vivenciar a literatura.

1.4 POR QUE LER PARA BEBÊS?

A leitura para a criança deve começar no momento em que inicia o seu entendimento no espaço em que vive e adquire consciência para se desenvolver e se organizar nele. Ou seja, muito cedo. Essas são habilidades características que marcam a primeira infância. Por isso Barbosa e Horn (1998) esclarecem que “do zero aos três anos a criança vive uma etapa dominada pelos instintos e reflexos, que

possibilitam as primeiras adaptações, a descoberta do ambiente geral e caracteriza-se pelo início da atividade simbólica” (p.29). Portanto, nessa fase, a criança já demonstra ser capaz de recriar seu mundo.

Afinal, a imaginação e o faz de conta é uma das características mais marcantes da infância pois estão, de certa forma, diretamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo e físico da criança. Neste sentido, faz-se necessário destacar o quanto é importante que as instituições educativas invistam em todos os aspectos pedagógicos que aproveitem esta característica como fonte de aprendizagem. Em especial na creche, local onde acontecem as primeiras experiências de socialização, em um grupo de convivência além da família.

A habilidade de imaginar é necessária ao desenvolvimento infantil e está relacionada a criatividade. Quando a criança imagina um personagem de sua preferência, por exemplo, vivencia situações e desafios que podem ser solucionados facilmente no seu mundo imaginário: como o herói que derrota um exército de vilões ao mesmo tempo ou o que com um sopro destrói o inimigo, por exemplo. E ao buscar soluções, constrói alternativas e respostas para as situações que surgem. Desta forma, estrutura seu pensamento, sua cognição.

Mas também desenvolve sua emoção. É o que destaca Martins (1994), apresentando três níveis básicos de leitura: o sensorial, o racional e o emocional. Este último, o emocional, é caracterizado pelo autor como um nível relacionado aos sentidos, menos objetivo, porém intenso, porque permite à criança a sensação de ser o personagem ou objeto, transformando-se em outra pessoa, animais, objetos, experimentando um mundo além da realidade.

Neste caso, é papel da escola garantir e explorar tais aspectos nessa fase tão especial do ser humano. Pois como revelam Barbosa e Horn(1998):

quando um bebê chega a creche traz consigo uma experiência, um modo de viver e de manifestar-se, de conhecer e de interagir com o mundo. Geralmente, essa modalidade de vida é muito primitiva e subjetiva, e uma das tarefas da escola infantil é a de auxiliar as crianças muito pequenas a aperfeiçoarem tais estratégias e a adquirirem novas (p.45).

Por isso, promover momentos de leituras prazerosas com os bebês significa explorar todas essas possibilidades de desenvolvimento e colaborar para sua formação integral, inclusive como futuros leitores. Além disso, quanto mais cedo o

bebê tiver contato com os livros, maior serão os benefícios em relação ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Em contrapartida, tamanha importância para a formação dos pequenos sujeitos ainda não é reconhecida por meio da efetivação de políticas públicas e programas que atendam as creches na implantação de espaços de leitura, bem como na oferta de um acervo adequado de leitura para os bebês. É o que podemos verificar a partir da tabela 1 que, logo abaixo, apresenta as ações do Ministério da Educação na área da leitura, do livro e da biblioteca escolar

Tabela 1- Ações do Ministério da Educação para a leitura

Programas	Anos	Alunos - atendimento
Salas de Leitura	1980	Atendimento assistemático e restrito a escolas por faixa de matrícula
PNBE	1997	Distribuição de acervos às bibliotecas escolares por faixa de matrícula
PNBE	2000	Privilégio de obras voltadas para a formação do professor de escolas de 1 ^a a 4 ^a séries
Literatura em Minha Casa e Palavra da Gente	2001 a 2003	Distribuição de literatura para uso pessoal de alunos de 4 ^a a 8 ^a séries e do último segmento de EJA
PNBE	2005	Distribuição de acervos a todas as escolas do 1 ^o segmento do Ensino fundamental
PNBE	2007	Distribuição de acervos literários ao 2 ^o segmento do ensino fundamental

Fonte: PNBE Programa Nacional Biblioteca na Escola².

Conforme os dados apresentados, há mais de três décadas o Ministério da Educação organiza ações e programas de incentivo à leitura nas escolas públicas, dando ênfase ao Ensino Fundamental (5^o ao 9^o ano) e à modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Observamos que, na maioria, porque não dizer, “todos” os programas apresentados na tabela não contemplam o atendimento à Educação Infantil. Não queremos dizer que não sejam importantes e necessárias tais ações. O

² Disponível on line em: <<http://www.fnnde.gov.br/index.php/programas-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 30 set. 2011.

que estamos dizendo é que precisam ser ampliadas, incluindo a primeira etapa da Educação Básica.

Mesmo assim, novas possibilidades estão sendo construídas, porque, neste semestre, a prefeitura de Guarabira, cidade onde estão localizadas as creches investigadas neste estudo, destinou livros para cada unidade de Educação Infantil. Tivemos a oportunidade de verificar em nosso estudo de caso, relatado no próximo capítulo, este acervo em algumas creches guarabirenses.

2 A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E INTERAÇÃO: um estudo de caso em quatro creches

Neste capítulo, apresentamos a pesquisa de campo, estruturado a partir de um estudo de caso, que surgiu nas experiências de estágio e entrevistas em creches da cidade de Guarabira- PB. Compartilhamos observações, práticas e falas importantes acerca da leitura nas quatro unidades investigadas. Consideramos importante também resgatar, de forma resumida, a trajetória histórica da Educação Infantil, para entender o lugar da creche na sociedade e na Educação Básica.

2.1 HISTÓRIA RESUMIDA DA CRECHE ENQUANTO INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Antes de iniciar o relato do nosso estudo de caso, consideramos importante apresentar a trajetória da Educação Infantil e das creches em nosso país, de forma a compreender porque a leitura na creche ainda não é encarada pela sociedade em geral – governos e até educadores infantis – como uma prática necessária, urgente e possível na primeira infância.

Até bem pouco tempo atrás, esta faixa etária não tinha políticas que garantisse a educação enquanto um direito. Isso aconteceu somente a partir da Constituição de 1988, porque desde o começo do século XX, em nosso país, as instituições destinadas a atender as crianças pequenas, como a creche, eram voltadas para assistir aquelas que fossem carentes e filhas de mães trabalhadoras que não tinham com quem deixar suas crianças, conforme analisa Kramer (1993). Assim, a função da creche era fornecer cuidados que garantissem alimentação, higiene e bem-estar físico. Não era uma política pública, mas implicava em ações isoladas de instituições filantrópicas e religiosas.

A criança pequena era considerada como um ser que necessitava de cuidados e não de um sistema formal de educação. Quiçá o acesso ao mundo da leitura! Nem os profissionais que atuavam nessas instituições tinham formação adequada para atuar com crianças pequenas, para entender e intervir no seu desenvolvimento e formação de aspectos cognitivos e afetivos.

Mas este reconhecimento da criança enquanto portadora de direito a educação foi consolidada, segundo Kramer (1993), a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, em 1996, quando a Educação Infantil (e a creche) passou a compor a educação básica.

Mesmo assim, ainda há conquistas a serem alcançadas, porque a Educação Infantil ainda não é legalmente obrigatória e a sociedade em geral tem um certo preconceito em relação a creche, considerando ainda que só a frequenta as crianças de famílias pobres e/ ou filhos de mães que trabalham fora. Esta visão ainda é reflexo da trajetória histórica da creche.

Quanto às creches de Guarabira/ PB, em consonância com as determinações da referida LDB, passaram a compor a rede de ensino municipal em 2010, quando também passaram a atender os bebês. Até então, a faixa etária atendida era acima de três anos, inclusive o último concurso não exigia formação específica. Anteriormente, era responsabilidade da Secretaria de Bem Estar Social, voltada para assistir e cuidar da infância.

2.2 O ESTUDO DE CASO (A PESQUISA DE CAMPO)

Nossa pesquisa de campo foi realizada em quatro creches do município de Guarabira-PB, iniciando-se a partir das visitas de estágio supervisionado em 2010 e, depois, mais voltado para os objetivos desta pesquisa, em 2011. Escolhemos as creches investigadas pela localização e pelas possibilidades do tempo. Nossa intenção inicial era investigar as seis creches que existem na área urbana da cidade.

Durante a etapa inicial do estágio, surgiu a curiosidade sobre a leitura para os bebês nas creches. Daí em diante estruturamos um estudo de caso, envolvendo observação e entrevista. Também pudemos experimentar um momento de contação de histórias com as crianças, bem como organizamos uma oficina de confecções de aventais de histórias e livros de pano.

Importante dizer que nossa pesquisa caracterizou-se como o estudo de caso, porque este tipo de pesquisa adequou-se as nossas intenções, na medida em que, segundo Gil (2010), permite identificar elementos concretos e abstratos de fenômenos que ocorrem dentro de qualquer espaço, no nosso caso, o espaço

educativo, sem preocupar-se em encontrar confirmações exatas para elaborar um parecer definitivo sobre coisas e pessoas. Assim, buscamos refletir sobre a leitura para bebês, nas creches guarabirenses, sem nos preocuparmos com generalizações.

2.2.1 Onde tudo começou... Na ausência dos livros (creche A)

Em 2010 tivemos a oportunidade de estagiar na creche A³. Foi onde tudo começou. Uma creche mantida pelo governo municipal e que se localiza próxima ao centro da cidade atendendo 53 crianças em período integral, com idade entre um ano e oito meses e quatro anos. Essa creche foi considerada especial por nós. Jamais havíamos pensado em participar de nenhuma atividade nessa modalidade de ensino. E estávamos lá para tentar quebrar um preconceito que tínhamos em relação a creche: aquele de que era só um espaço para cuidar de crianças, sem nenhuma preocupação pedagógica. Era lugar de criança passar o dia todo sem fazer nada. Na verdade, era esse o tema inicial para um suposto artigo sobre a educação infantil: “Rompendo o preconceito contra as creches” E, nessa etapa de observação, tudo mudou de repente.

Estava próximo das 15:00 h. As crianças se preparavam para o banho. Até que ajudamos nessa tarefa. Era quase hora de ir para casa. Elas iriam sair às 16:30h e estavam inquietas. Depois de tomar banho, era melhor que não brincassem para que não se sujasse. ‘Entregar’ aos pais uma criança limpinha e alimentada também é importante.

Então, uma idéia surgiu: vamos tentar conter a inquietação das crianças, saindo a procura de um livro de histórias. Porém uma das monitoras nos alertou sobre a falta de livros na época. A creche, lugar educativo que poderia ser, não tinha livros. Logo, as crianças ouviam muito pouco histórias e não tinham quase contato com a literatura infantil. Aquela situação foi tão inquietante, que ganhou corpo e tornou-se uma pesquisa monográfica.

Um ano depois, especialmente no mês de setembro de 2011, retornamos a creche A onde tudo começou, para efetivar o estudo de caso. Em relação a infra-

³ Utilizamos letras para definir as creches investigadas para preservar a identidade das unidades e dos entrevistados, para que pudessem se sentir a vontade para se expressar.

estrutura não houve mudanças. Porém a gestora relatou algumas mudanças no sentido da prática pedagógica. Especialmente, a partir da oficina de leitura promovida na UEPB. Anteriormente as monitoras (profissionais que atuam nas creches, diretamente com as crianças) desacreditavam na leitura para bebês e relatavam problemas de infra-estrutura e ausência de programas voltados para a área, na educação infantil.

Atualmente, esses problemas continuam existindo, mas as monitoras buscam estratégias para reverter os problemas apontados por elas. Inclusive há uma organização de um cantinho de leitura (os livros também chegaram na creche!) e uma turma de estágio organizou o referido cantinho, que fica na pequena e bem organizada brinquedoteca da creche. Esse cantinho é composto por um tapete, almofadas e um grande avental em que os livros estão encaixados.

Além disso, as rodas de leitura já fazem mais parte da rotina da creche. O trabalho com avental de histórias acontece em alguns momentos. Então verificamos que a oficina a qual organizamos sobre a construção de avental de histórias com material emborrachado foi produtivo e produziu reflexos positivos. Logo, a literatura, nessa creche, tem acontecido. É certo que de forma ainda incipiente, mas, o direito a literatura defendida por Machado (1992), pode se concretizar ainda mais.

2.2.2 A creche dos livros... Expectativas e realizações (creche B)

A creche B está localizada fora do centro de Guarabira e atende 47 crianças, que moram em comunidades da redondeza. Algumas dependem do transporte da prefeitura para se locomover até a creche, devido a distância.

Antes de relatar o que vivenciamos na creche B, consideramos importante citar Fernando Pessoa, que diz: “De sonhar ninguém se cansa, porque sonhar é esquecer, e esquecer não pesa e é um sono sem sonhos em que estamos despertos” (2003, p. 39). Nada melhor que sonhar e ver o sonho acontecer. É assim que sentimos um ano depois do estágio supervisionado. O ar inspirador começa nos portões. Em 2010, durante a experiência de estágio, encontramos uma gestora que sonhava com um cantinho de leitura e uma brinquedoteca. Formada em Letras, graduanda do curso pedagogia e há dezessete anos atuando na Educação infantil,

ela disse acreditar que, desde cedo, as crianças devem ter acesso a leitura. E vimos esse desejo concretizar-se com muito esforço.

Ela também revelou sua frustração com a desigualdade na distribuição de recursos destinados às creches. Para ela, é na creche onde tudo começa e comentou que “precisamos fazer com que essas crianças tão pequenas tomem gosto pela leitura”, mas disse que tem ações que alimentam sua esperança de ter uma grande bebeteca. Relatou que em março de 2007 a creche foi contemplada com um acervo de 25 livros e em 2010 recebeu mais 50 exemplares do programa PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Ou seja, um pequeno acervo chegou este ano na instituição. Foi um ganho, pois os livros que chegaram na escola em 2007 não estavam mais tão inteiros. Criança e livro é um encontro turbulento e pode ser desastroso se não ocorrer de forma mediada. Pois as mesmas (as crianças) querem descobrir o objeto com todos os sentidos.

Ela comentou ainda que a equipe da creche deve estar em constante sintonia, inventando e reinventando maneiras de aprendizagem. Inclusive para trabalhar leitura. Acrescentou que a parceria e o estímulo de outras instituições como a UEPB tem sido de suma importância para fazer com que a construção do cantinho de leitura e da brinquedoteca acontecesse. Antes as monitoras achavam que todos os brinquedos e livros da creche deveriam ser comprados. Depois da vivência nas oficinas de leitura elas passaram a construir. As que alegam não ter habilidade, colaboram com as que sabem, mas não ficam fora do processo de construção. O que resultou numa brinquedoteca recheada de atrativos para as crianças e um cantinho com diversos livros de pano e os aventais de história.

Sobre a leitura para os bebês, comentou que foi elaborado coletivamente uma rotina semanal organizando as atividades desenvolvidas, incluindo o uso dos livros. Esse momento acontece em reuniões de planejamentos, que acontecem quinzenalmente. Dessa forma, a equipe garante uma organização das atividades voltadas para as crianças. Quanto ao uso do espaço de leitura, ainda apresenta adequações porque é pequeno, porém muito organizado e colorido. Assim, as crianças participam semanalmente das rodas de leitura em outros espaços da creche. Nesses momentos, as monitoras utilizam estratégias e a própria criatividade, como o uso de fantoches, confeccionados por elas e também por alunos da UEPB, para ilustrar e enriquecer o momento com as crianças. Na maioria das vezes, as

atividades envolvem gêneros como as fábulas, que são as preferidas das crianças e os contos de fadas.



Fotos 1 e 2 – crianças lendo na sala de leitura na creche B
Fonte: Arquivo pessoal

Ao entrar no cantinho de leitura com as crianças, presenciei momentos de intimidade com os livros. Elas tem uma facilidade de se esparramar no tapete, de ir em busca do livro. Um dos bebês de um ano e oito meses, ao pegar o livro de pano com a historinha dos Três Porquinhos, balbuciava alguns sons e folheava como se estivesse lendo. Outra do mesmo grupo concentrou-se nas figuras de animais e já dizia o nome de cada um que via.

Mas, esse quadro transformou-se a partir da atuação da gestora. Porque quando entrevistamos as professoras em 2010, percebemos que a ideia de ler para bebês ainda assustavam muitas delas, quando demonstraram uma descrença em relação a leitura nessa fase. Fato esse apontado quando questionamos sobre a rotina de leitura para os bebês. Responderam que “não costumamos ler com frequência para as crianças. Elas não entendem o que lemos. Também são muito pequenas e por isso, a forma e a rotina de leitura em que estamos acostumadas é pouco”. Acrescentaram, na época, uma dificuldade que encontravam ao trabalhar com literatura: a baixa concentração das crianças. Assim, uma delas afirmou que “as crianças não se concentram durante as contações de histórias e é necessário trazermos objetos relacionados a historinha que será contada ou caso contrário, é pura estresse”. Outra comentou que nem gostava de ler porque as crianças facilmente se dispersavam e também não tinha ainda espaço adequado na creche. Então, essa educadora dizia que ler acabava sendo uma atividade fatigante e

frustrante para ela e para as crianças, porque ela acabava se irritando com a dispersão.

Pensamos que poderíamos encontrar as professoras que participaram da entrevista em 2010, mas uma delas não se encontrava na creche e a outra tinha mudado de horário. Logo, não pudemos verificar se elas tinham modificado a forma de ver e trabalhar a leitura com bebês. Mas, o fato de encontrar uma sala de leitura organizada pode ser considerado um grande avanço.

2.2.3 O cantinho de leitura é só uma ilustração (creche C)

A creche C apresenta uma característica diferenciada das demais creches, quanto a sua clientela e funcionamento. Os funcionários e monitoras são da prefeitura, e a gestora, bem como infra-estrutura é do governo do Estado. Está localizada num conjunto habitacional, afastado do centro da cidade, atendendo crianças de famílias, na maioria, estruturadas, que participam ativamente do processo educacional dos bebês. Em 2011, atende 53 crianças que estão distribuídas em duas turmas: de um ano e quatro meses até quatro anos.

Nesta creche não há cantinho de leitura, por conta das dificuldades em relação ao espaço. Mas quanto a isso, a atual diretora, chegada este ano na instituição, afirmou que está em busca de construir uma brinquedoteca, um espaço para leitura e uma área de lazer com parque. Disse que essas são medidas urgentes, dizendo que “não imagina uma creche ou qualquer outra escola sem um espaço de leitura”.

Quanto as práticas de leitura dessa creche em 2010, quando realizamos o Estágio Supervisionado I, um grupo de monitoras foi entrevistado e verificamos que achavam inadequado ler para bebês. Uma delas disse que contava histórias de vez em quando, mas os pequenos se dispersavam demais.

Ao perguntarmos se achavam importante a criação de um espaço adequado para a leitura com os bebês, mencionaram a falta de estrutura econômica e da própria falta de interesse do poder público em resolver os problemas que surgem nesse aspecto. Afirmaram também que manter o cantinho da leitura atualizado é difícil e que no início do ano letivo ele é organizado em uma das prateleiras da sala,

mais para compor uma questão estética da creche. Essa foi uma fala que se repetiu muito: um cantinho improvisado de leitura era mais para ser visto, do que funcionava na prática. Na época da pesquisa, ainda não existiam livros de literatura nas creches.

Hoje, já temos uma avanço porque cada creche do município recebeu um acervo de livros infantis. Mas ainda em número defasado. Também foi mencionado que há uma falta de formação que instrumentalize as educadoras infantis a trabalhar com a leitura. Como trabalhar a contação de história foi uma necessidade mencionada. Percebemos ainda que as falas estavam alicerçadas em ideias comuns de que o bebê não é capaz de vivenciar uma contação de história.

Mas em 2011, quando retornamos para efetivar nosso estudo de caso, presenciamos um momento de leitura, quando a monitora leu a fábula “A Cigarra e a Formiga”. Na falta de livros, criaram uma coleção com diversas fábulas. E a diretora confirmou que, no momento, as rodas de leitura nesta creche acontecem no dia a dia nas próprias salas de aula.



Foto 3 – crianças lendo na sala de aula - creche C
Fonte: Arquivo pessoal

Vemos o quanto é importante e necessário implantar a Bebeteca nas creches para que a formação de verdadeiros leitores comece desde cedo, num ambiente aconchegante.

2.2.4 Experimentando a leitura com bebês (creche Dd)

A creche D tem uma grande importância e uma responsabilidade para com a comunidade em que está inserida. Situada numa área com grandes conflitos sociais, é um equipamento social importante, pois trabalha em parceria com outros órgãos públicos para atender as crianças, como o posto de saúde e o atendimento psicológico. A mesma atende 45 crianças com idades entre 2 e 4 anos, distribuídas em duas salas.

Na continuidade de nossa pesquisa de campo, na creche D, a proposta foi criar momentos de leitura com as crianças de 1 a 2 anos. Foi lá onde percebemos que devemos nos despir das expectativas sobre as reações que esperamos das crianças quanto o gosto e interesses despertados ao ouvir uma história. Planejamos uma roda de leitura para os bebês. Em um grande círculo, foram apresentados dois personagens da história “Os três Porquinhos”: o porquinho e o lobo mau. Eram bonecos de fantoches. As crianças surpreenderam porque se encantaram com o lobo mau. O grande vilão da fábula. Alguns até choraram na disputa pelo boneco. Uma das crianças não falava claramente mas gesticulava o tempo todo. Ela se sentiu envolvida e buscava se expressar de qualquer forma.

Em seguida, distribuímos uma folha para que desenhassem algo sobre a história que ouviram e fizeram suas criativas garatujas, reforçando o gosto pelo lobo mau. Utilizando os fantoches, cantamos também o refrão de uma música bem conhecida:

**“Eu sou o Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau
Eu pego as criancinhas pra fazer mingau.”**

As crianças só repetiam a palavra “mingau” enquanto que o que não falava claramente dançava rodando e batendo palmas. Às vezes ficava tonto e caía. Compreendemos que aquela alegria era uma forma de expressar que estavam gostando. O que era diferente da fala de uma das monitoras, que dizia: “Esses meninos não gostam de livros! Eles só sabem destruir tudo!”. Os bebês podem participar de momentos de leitura. Importa o uso de fantoches ou músicas para atrair a atenção, concordando com Santos (2006):

O fantoche é um objeto que transita entre o mundo interno e o externo da criança. Ele é um símbolo da intimidade de seu ser expresso em brincadeira. Assim, o fantoche tem alto valor pedagógico, criativo e terapêutico, pois, a criança tanto pode assistir a história, como pode manipulá-lo e dar vida àquilo que toca. (p.73)

Em nossas observações, presenciamos no comportamento das monitoras um semblante desanimador nos diversos momentos em que estivemos lá. Ao contrário das crianças, que são muito receptivas. Ao nos ver chegar pela segunda vez, elas reconheceram e saíram gritando até a porta: “Chegou a tia do lobo! Chegou a tia do boneco!” Foi pura euforia.



Fotos 5 – crianças ouvindo histórias na creche D

Fonte: Arquivo pessoal

Mesmo com todas as dificuldades que vivem as creches atualmente, é possível usar as experiências daquelas que arregaçam as mangas e lutam incansavelmente, inteirando-se e acreditando na importância do trabalho com literatura, para o desenvolvimento das crianças. Planejar o dia a dia com atividades voltadas para os contos de fadas, para as fábulas, é algo que pode ressignificar o

trabalho nas creches. Os projetos com literatura além de ampliar o olhar da criança sobre o mundo, possibilita o desenvolvimento da sua oralidade.

Para tanto, é necessário organizar um espaço para tal, como a bebeteca, tema de nosso próximo capítulo.

3 BEBETECAS: espaço de leitura para bebês de 0 a 3 anos

O objetivo principal deste capítulo foi pensar as possibilidades da leitura para crianças tão pequenas, por meio da criação de um espaço adequado, que pode ser um cantinho chamado de bebeteca.

3.1 O QUE É BEBETECA

A palavra Bebeteca surgiu nas propostas de uma educação de qualidade destinada aos bebês na França. Segundo Senhorini (2008) só foi propagada para o mundo após uma conferência que ganhou espaço nas discussões em 1987 na Espanha, a qual abordava as contribuições e a importância de implantar esse espaço nas escolas de educação infantil. Nesse evento, foi também declarado sua origem e o significado do seu nome. A “origem da palavra *bebètheque* parece estar associada à palestra de Georges Cure na V Conferência Europeia de Lectura, na cidade de Salamanca, em julho de 1987” (SENHORINI, 2008, p.123)

Na verdade, a expressão bebeteca é marcada pelo significado da raiz das palavras e sua aglutinação. Nos estudos realizados sobre bebeteca, Senhorini (2008) detalha que:

beba: niña, chiquilla, criatura...

beteca: bibliotecário, biblioteca pública.

Bebeteca: espaço de leitura para bebês na biblioteca

Para além do significado do termo, a bebeteca configura-se como proposta para educação infantil, ganhando dimensões que ultrapassam um conceito único. Neste sentido, Facchini (2009) verifica que:

(...) atualmente, à luz dos estudos culturais e das contribuições da neuropsicologia, pode-se afirmar que a Bebeteca pode ser um espaço em que a leitura de contos pode estimular vínculos de afeto através do observar, do

escutar e do compartilhar emoções através do observar, do escutar e do compartilhar emoções que só um livro pode proporcionar. (p.158)

No Brasil, a primeira experiência surgiu no estado do Paraná em 2007. A região ainda ocupa o lugar que mais se destaca em projetos de fomento a leitura. Outros estados brasileiros ainda adotam os cantinhos de leitura como forma de suprir as necessidades que surgem em relação a estrutura física e econômica das instituições. Hoje, o livro que esteve tão guardado nas prateleiras das escolas, são vistos com outros olhos e renasce como algo sugestivo e novo. Mas o que é novidade para nós é o jeito como as coisas passam a ser utilizadas nas práticas educativas. No caso das bebetecas, o próprio nome transmite a idéia de um lugar aconchegante onde as crianças sintam-se familiarizados com o ambiente de leitura. Conforme conceito de Senhorini (2008)

(...) bebeteca é uma maternidade de leitores. É uma biblioteca especialmente destinada aos bebês, seus pais e demais responsáveis a fim de trabalhar as possibilidades de leitura, envolvendo a criança no mundo lúdico, despertando, primeiramente, o prazer e a paixão pela leitura. Por meio dessa atitude, é possível proporcionar maior convivência e familiaridade com o livro e a leitura, inserindo-os ao seu cotidiano (p. 123).

Outros países como Argentina, Colômbia, Portugal e Equador caminharam durante um período em fase de experiência. Hoje em dia, já adotam as bebetecas nas instituições que atendem bebês. Já os Estados Unidos as desenvolvem em forma de projetos.

As bebetecas ainda são confundidas com brinquedotecas, porque o objetivo de ambos os espaços se aproximam, já que possibilitam sensações agradáveis. O ambiente e as propostas que estão a disposição das crianças devem ter caráter de aprendizagem, prazer e diversão, semelhantes ao brincar. Pois, o ato de ler e ouvir histórias é como brincar. Pode propiciar a criança sensações de alegria e prazer. Na verdade, sendo considerada uma biblioteca especial para bebês até 3 anos, a bebeteca é um espaço diferenciado, colorido e contagiante onde acontecem práticas bem elaboradas de leitura e contação de histórias.

3.2 BEBETECA COMO REPRESENTAÇÃO DE QUALIDADE

Na atualidade, temos estabelecido os critérios de qualidade para a creche, que também envolvem a construção de uma proposta de espaço que seja adequado para a leitura para e com bebês. Não importa o nome dado a este espaço. O importante é que bebeteca ou cantinho da leitura seja pensado conforme as perspectivas de um atendimento de qualidade na creche, conforme apontam Campos e Rosenberg (2009):

- As crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante;
- O lugar onde a criança passa o dia deve ser arrumado com capricho e criatividade;
- As crianças devem ter lugares agradáveis para se recostar e desenvolver atividades calmas;
- As crianças devem ter acesso livre a livros de história, mesmo quando ainda não sabem ler;
- Também têm o direito a ouvir e contar histórias, além de ouvir música e assistir apresentações de fantoches.

A creche não pode ser um espaço exclusivo de cuidados com higiene, alimentação e sono. É onde podem socializar-se, desenvolver suas potencialidades e descobrir o mundo. Porém, como dito, ainda há muito o que conquistar, na medida em que Campos e Rosenberg (2009) revelam que as creches brasileiras (e os governos que as mantêm) precisam compreender, de fato, o significado das interações e das vivências da criança pequena e o papel que a creche pode desempenhar em seu desenvolvimento psicológico, social, físico e cultural. É necessário, segundo elas, discutir em âmbito nacional sobre a garantia dos direitos da criança e a qualidade dos serviços voltados para a população infantil.

3.3 PENSANDO EM ALTERNATIVAS DE LEITURA PARA OS BEBÊS

Diante da atual realidade nas creches, é possível buscar alternativas eficazes para solucionar a falta de materiais e improvisar espaços de leitura, através de

planejamento, que deve considerar as especificidades infantis. Afinal, estamos tratando de uma fase de profundas transformações.

Os educadores dos primeiros anos precisam estar cientes de que os bebês estão literalmente criando seus cérebros enquanto se comunicam e brincam. As crianças pequenas são poderosos pensadores e construtores de significado que precisam de atividades diárias para poder compreender seu mundo de pessoas e objetos (WHITEREAD, p. 39, 2009).

Como visto, não podemos descartar em hipótese alguma a introdução de leitura para bebês. Assim, quanto ao planejamento, é necessário considerar que:

- . **Adquirir conhecimento** sobre todos os benefícios que a leitura pode trazer para os bebês não só facilita na hora de planejar como contribui para a troca de idéias com outros educadores. Afinal, planejar não é uma atitude isolada, mas de uma equipe comprometida com o sucesso da aprendizagem de suas crianças. Como afirma Gadotti(2003) “lutando sozinhos chegaremos apenas à frustração, ao desânimo, à lamúria.”

- . **Ter claro os objetivos** das atividades de leitura para bebês está relacionado ao conhecimento do educador sobre o assunto. E os objetivos não surgem de vagas suposições, mas são construídos pelas necessidades e anseios dos educadores, considerando a criança e suas especificidades. É o que comenta Gadottil (2003): “A educação precisa estar centrada na vida.”

- . **Acreditar no potencial do educador e da criança.** Independente da fase, a criança mergulha naquilo que lhe é ensinado. Um educador confiante não só planeja conhecimentos, ele semeia sonhos .

- . **Organizar o espaço** de leitura para os bebês requer dos educadores, carinho, dedicação e criatividade. Neste cantinho tão especial de leitura, o bebê recebe um passaporte para imaginação. Mas, é necessário alguns cuidados para que esse ambiente não se torne monótono. Então, a palavra mágica é **atualização do espaço.**

3.4 EFETIVANDO A BEBETECA NA CRECHE

É importante acrescentar que além de promover momentos contagiantes e prazerosos para as crianças, milagres não acontecerão se as bebetecas ou os

cantinhos de leitura não garantem à todos uma infra-estrutura e um acervo diversificado. No projeto de bebetecas, é necessário que haja material baseado em imagens e formas diversas que ampliem e desenvolva a linguagem oral da criança. As mudanças devem ser constantes nesse espaço em todos os sentidos. Não deve haver monotonia em nenhum cantinho desse espaço. Por isso, ele é considerado especial e um desafio para todos. A ideia é que as expectativas das crianças sejam estimuladas desde a sua ida até o momento em que saem da bebeteca. Um novo livro, uma nova forma de contar histórias, um novo personagem, até mesmo um adereço promoverá surpresas para as crianças.

A bebeteca pode também se transformar num cantinho de construção. O educador poderá utilizar materiais de sucata para criação de elementos que levem as crianças a compreender a história que leu, por meio da criação de personagens, casinhas e objetos referentes às narrativas exploradas. São inúmeras as atividades que podem fazer com que a criança compreenda que ler é bom.

Assim, é de extrema importância que algumas orientações acerca do trabalho que pode ser desenvolvido nas bebetecas, especialmente que podem ser implantados nas creches, devem ser pensadas e analisadas para crianças tão pequenas. Storti (2008) destaca as seguintes:

- . **Seleção de títulos** é um dos principais investimentos. A preferência pelos livros que apresentam figuras conhecidas pelo universo infantil, com ilustrações coloridas e grandes, além de aprimorar amplia a percepção visual da criança. Como vimos anteriormente, é uma das queixas das monitoras nas creches investigadas, bem como a inadequação dos livros para as creches. Nesse ponto, há uma evolução, pois algumas creches já constroem de pano, de papel ou de material emborrachado.

- . **Diversificar os materiais dos livros** como os de pano, de cartões que podem ser confeccionados com material sucata, os livros de plásticos para o momento do banho.

- . **Acessibilidade** é fundamental. As crianças precisam ter livre acesso aos livros. Especialmente porque têm a necessidade de tocar naquilo que está em sua volta. A sugestão é deixar os livros ao alcance dos bebês, seja em estantes ou caixas de madeira, em uma altura adequada. Livros guardados é uma expressão que não combina com esse espaço.

. **Na ausência dos berços** para os que não andam ou sentam, é possível dispor de tapetes coloridos e almofadas que servirão como encosto, para que as crianças possam se sentir confortáveis e protegidas.

. **Rotina diária de leitura** faz com que as crianças não só se beneficiem dos prazeres de ler e ouvir histórias, mas aprendam a lidar com os livros, a cuidar deles e compreender que tudo aquilo faz parte dos momentos de aprendizagem e diversão. Desta forma,

é importante para ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e calidez, para a criança da pré- escola ouvir histórias também é fundamental (...) ao ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar o ver o livro, o escrever, o querer o novo (ABRAMOVICH, 2008, pp. 22-23).

Na verdade, nossa proposta é que todas as instituições que atendem a primeira infância possam organizar uma bebeteca, com os padrões propostos por Barros (2009):

Um local pequeno, com livros adequados, almofadas pelo chão, com o objetivo de fazer com que as crianças sintam-se bem, e a professora ou bibliotecária possa realizar, suas atividades da melhor maneira possível alcançando os objetivos desejados. (...). O grupo de crianças não pode ser muito grande devido à atenção que a criança exige para desenvolver as atividades propostas (p.49).

Rabe e Lima (2010) destacam a importância do papel do profissional para essas atividades de leitura que se destinam as crianças. Nessa proposta, enfatizam as características do professor como contador de histórias, profissional que também se responsabilizará pelo andamento da bebeteca. Cabe a ele articular a organização do espaço de leitura, a escolha do livro de acordo com o público alvo e seu acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura pode trazer benefícios para o desenvolvimento infantil. Especialmente quando estimulada desde cedo, nas creches. A bebeteca por sua vez, é um fenômeno muito novo e desafiador. Uma proposta inovadora de espaço de leitura nas creches. Seus benefícios ampliam os horizontes dentro da educação infantil, pois favorece a exploração de aspectos cognitivos e afetivos da criança.

Sobretudo, é necessário não somente implantá-las nas creches de modo que não passe de uma simples ilustração ou propaganda de plano de governo do poder público. É necessário o investimento nos profissionais que atuam nas creches, também preparando-os para a bebeteca. Neste trabalho, compreendemos que a aprendizagem começa desde cedo e as crianças pequenas reagem ao que lhes são apresentadas e que mesmo sendo tão pequeninas, manifestam-se com palavras ou gestos, diante das rodas de leitura, revelando que sabem muito.

Porém, jamais poderemos relatar na sua totalidade o comportamento de uma criança. Geralmente que fazemos durante o estágio supervisionado ou na pesquisa de campo, não é suficiente para desvendarmos esse misterioso universo dos pequenos. Cada dia será sempre um novo dia, uma nova história, uma nova aprendizagem. Nesse sentido, é de suma importância um aprofundamento nas pesquisas que avaliam as atividades e projetos voltados para educação infantil.

Sabemos que muito tem sido feito e pensado sobre as crianças e que as questões sobre incentivo a leitura ainda são um fator que precisa ser trabalhado nas instituições de educação infantil, especialmente nas creches. É preciso que o poder público tenha como prioridade projetos de incentivo à leitura, incluindo a criação de bebetecas que atendem crianças pequenas, pois elas representam um lugar especial para que as crianças desenvolvam-se no mundo letrado de forma prazerosa. Afinal, verificamos que creche é, essencialmente, espaço de construção de saberes. De formação de sujeitos que tem o direito a brincadeira e a literatura garantido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura: gostosuras e bobices**. 5ª Ed. São Paulo: Scipione, 2008.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1981.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?** Petrópolis: Vozes, 1997.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN, Maria G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BARREIROS, Tereza Cristina. (orgs). **Prática Pedagógica: Infância e Educação Infantil**. Campinas- SP: Papirus, 1999.

BARROS, Alessandra de; SANTOS, Ana Paula Souza dos; SILVA, Julia Mirales. **Incentivo da leitura e atividades lúdicas a crianças de 0 a 3 anos de idade: bebeteca e brinquedoteca uma oportunidade no desenvolvimento e hábito pela leitura**. Disponível on-line em: <<http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/648/716>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma Política de Formação de Leitores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. v. 1, 2 e 3.

BRASIL. **Cadernos da TV Escola-Português**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CADEMARTORI, Lígia. **Literatura para todos: conversa com educadores**. Brasília, Ministério da Educação, 2006.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Tradução de Fúlvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e Aprender com Sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

FACCHINI, Luciana. **A interação de bebês com a linguagem**. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

GUEDES, Adriane O et al. (orgs). **Infância e Educação Infantil**. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 10ª ed., Campinas-SP: Pontes, 2004.

KRAMER, Sônia (org). **Com a Pré - escola nas Mãos: Uma Alternativa Curricular para a Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 1993.

MACHADO, Ana Maria. como e por que Ler **Os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

PEREIRA, Regina Celi Mendes. A concepção de letramento na escola: dimensão social e cognitiva. **Revista do DLCV, Língua, Linguística e Literatura**. João Pessoa, v.1, n.3, p.61-77, 2005.

RABE, Márcia Maria King; LIMA, Siumara Aparecida. **O desafio de formar o leitor diante das novas tecnologias a partir da utilização do espaço bebeteca – biblioteca para bebês.** Disponível on-line em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/8/artigobebeteca2010a.pdf>> . Acesso em: 25 set. 2011.

ROCHA, Ruth. **Histórias das mil e uma noites.** São Paulo: FID,1991.

SANTOS, Paulo. **Psicopedagogia dos fantoches:** jogo de imaginar, construir e narrar. São Paulo: Vetor; 2006.

SENHORINI, M.; BORTOLIN, B. Bebeteca: uma maternidade de leitores. **Informação e informação**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 123 - 139, jan./jul. 2008.

STORTI, Neila. Bebeteca: opção para crianças de até 3 anos. **Creches**, v. 13, n.1, p. 123 -139, jan./jul. 2008.

SOUZA, Andressa Celis, Weiss, Ivanilda. IN:OSTETTO, Luciana (org). **Aprendendo a ser Professora de Bebês:** Experiência de estágio com crianças de oito meses a dois anos. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Bibliotecas Privadas e Práticas de Leitura no Brasil Colonial.*1997. In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecas-br.pdf> Acesso em 04.09.2011.

WHITEHEAD. Marian. A História Por trás da Alfabetização. **Pátio-Educação Infantil.** Ano VII, nº 20 julho/outubro 2009.